



Mauro Arruda, do Iedi: mais do que dinheiro, País precisará de criatividade



Para Reis Velloso, empresários brasileiros não podem continuar passivos

## Reis Velloso: industrialização depende do setor privado

Planejamento do Governo e iniciativa privada. Esta é a combinação que deveria marcar a nova fase da economia brasileira, segundo o ex-Ministro João Paulo dos Reis Velloso, que elaborou o último plano econômico de médio e longo prazo editado no País, o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), cuja estratégia foi mantida até agora: a substituição das importações, combinada com o aumento das exportações. Ele acredita que não há mais espaço para que os empresários continuem passivos, simplesmente

aguardando que o Governo elabore planos e tome iniciativas que deveriam partir de representantes do setor privado.

O ex-Ministro observa que esta tem sido a atitude do empresariado nacional desde o início do processo de industrialização no Brasil, na década de 60. Mas, diante da meta de aumento da competitividade da economia brasileira, estabelecida pelo atual Governo, principalmente via abertura para o exterior, esta postura precisa mudar.

Reis Velloso lembra que, na Co-

reia do Sul, os empresários passaram a atuar mais ativamente nos planos de desenvolvimento desde a década de 70, inclusive decidindo prioridades e estabelecendo metas.

Ele acredita que o combate à inflação continua sendo a questão prioritária no atual contexto econômico, mas que o Governo precisa ter uma concepção dos rumos da economia. A política industrial lançada recentemente representa, a seu ver, o primeiro passo nesse sentido e que poderá levar o País para o caminho da industrialização avançada.

Muito criticado durante a execução dos PNDs, aos quais se atribuiu o aumento do endividamento externo do País, ao exigirem captação elevada de recursos externos, Velloso, hoje, tem defensores mesmo entre economistas menos ortodoxos. Há os quem perceberam a importância dos PNDs, já que estes deram ao País uma estrutura industrial básica bem mais forte, por exemplo, do que a da Argentina. E esta base industrial que gera a crença de que o Brasil será capaz de suportar anos de estagnação econômica e sobreviver.